

levantando o troféu. A imagem é a de Mandela ao lado de sua mulher, Graça Machel, no carrinho de golfe que circulava no campo. O Blatter e o presidente sul-africano, Jacob Zuma, receberam Mandela, de 92 anos, para a última parte do espetáculo. Mandela estava visivelmente fraco, porém brilhando como sempre, era uma oportunidade de ouro que a FIFA nunca deixaria passar. No entanto, sua mulher estava à postos para ajudá-lo a levantar o braço para a multidão delirante e os bilhões de espectadores nas redes de televisão mundo afora.

A Copa do Mundo de 2010 na África do Sul foi um enorme sucesso financeiro para a FIFA e seus parceiros corporativos globais. Para o governo sul-africano, o evento ressaltou a capacidade e inteligência organizacional do país. Eles se caracterizaram como “primeiro mundo” e a imprensa global os adotou dessa forma. Não obstante, o evento de 2010 marcou o espetáculo global corporativo que é a Copa do Mundo da FIFA. Independentemente de efeitos sócio-políticos de seu contexto, a FIFA e os organizadores locais conseguiram esconder as realidades da África do Sul pós-Apartheid. Eles projetaram a imagem de um anfitrião de “primeira classe” competente para organizar com êxito o evento esportivo global mais lucrativo e famoso. Ainda, para Richard Calland, 2010 representou um “show de primeiro mundo sobreposto sobre a sujeira pútrida e degradante do terceiro mundo”.<sup>100</sup> Para a FIFA, a primeira Copa do Mundo da África foi uma oportunidade financeira sem riscos e executada perfeitamente no solo sul-africano.<sup>101</sup>

100 Mail & Guardian, 9-15 July, 2010, p. 24.

101 Para uma comparação entre o espetáculo de 2010 e a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, ver Barbara Schausteck de Almeida, Chris Bolsmann, Wanderely Marchi Júnior, and Juliano de Souza, Rationales, Rhetoric and Realities: FIFA's World Cup in South Africa 2010 and Brazil 2014. International Review for the Sociology of Sport, 2013.

## Mais Alto, Maior, Mais Caro: Sochi e as Olimpíadas de Inverno de 2014

Martin Müller<sup>1</sup>

Tradução: Daphne Costa Besen

### A capital russa do verão<sup>2</sup>

Sochi é o coração da Riviera Russa na costa do Mar Negro. A aglomeração se estende por mais de 140 km pela costa até a fronteira com Abkhazia, com uma população de menos de 420.000. No entanto, a cidade propriamente dita, tem uma população de apenas 130.000. A topografia da área mostra que seus assentamentos e infraestrutura estão concentrados em uma fina faixa da costa, e o território aumenta atrás dessa faixa; Mount Fisht, que dá nome ao Estádio Olímpico, a 2.867 metros de altura, 30 km do mar, para formar a margem do noroeste da cordilheira Central Caucasiana. Situada a 44° Norte, Sochi está a uma latitude similar que Nice ou Gênova. Localizada em uma zona de clima subtropical úmido, experimenta temperaturas frias no inverno, e mais precipitações que qualquer uma dessas cidades. As chuvas orográficas causadas pela barreira caucasiana trazem 1.700 mm de precipitação anualmente – caindo como neve nas altas montanhas no outono e inverno se a temperatura for baixa o suficiente. O *slogan* de propaganda “Onde a neve branca encontra o Mar Negro” é, no entanto, enganoso: raras vezes a neve cai por mais do que alguns dias no nível do mar.

A média anual da temperatura de Sochi de 13.1°C, é 3°C mais alta que Vancouver, que, em 2010, se tornou o local mais quente das Olimpíadas de Inverno. Palmeiras, Eucaliptos e Loendros são testemunhas do clima subtropical e tornam Sochi única entre as regiões da Rússia. A cidade é tradicionalmente conhecida como a capital do verão russo (Letnyaya Stolitsa) e tem se especializado como um *resort* do litoral. Na União Soviética, Sochi foi provavelmente considerada o destino de fé-

1 Geógrafo. Professor do Departamento de Geografia da Universidade de Zurich.

2 Este artigo é uma versão revisada de: MÜLLER, M. 2013. “Sochi and the 2014 Winter Olympics.” *Religion & Society* 41, p. 21-23. Agradecimentos para John Heat pela tradução e para Stefan Kube pela generosa aprovação para reutilizar este artigo.

rias mais prestigioso e foi também, cidade modelo para o turismo soviético. Muitos sindicatos tinham grandes sanatórios por lá, e uma visita (*putëvka*) à Sochi era um privilégio destinado apenas aos “*nomenklatura*” (burocratas) ou aos trabalhadores com méritos excepcionais. Durante o décimo plano de cinco anos (1976-1980), um total de 47 milhões de pessoas ficaram no sanatório.

A dissolução da União Soviética em 1991 também trouxe um colapso no número de turistas. Com a virada econômica desde que Putin assumiu o poder, os cidadãos russos cada vez mais preferem passar suas férias além da velha Cortina de Ferro, ao invés de retornar aos velhos centros do turismo soviético. Mais de 20 anos depois do colapso da União Soviética, Sochi recebe bem menos hóspedes do que durante seus anos de maior sucesso. Ninguém sabe ao certo quão menos. O Prefeito de Sochi, Anatoly Pakhomov, disse que a cidade teve quatro milhões de visitantes no verão, o que colocaria Sochi ao lado de grandes resorts internacionais como Cancun e Atlantic City. Em outra ocasião, ele disse que tiveram apenas três milhões. Outras fontes sugerem que um milhão é mais realístico. Essa estimativa também contaria com os números de passageiros de 2.1 milhões no aeroporto de Sochi, dado que a maioria dos visitantes de Sochi chega de avião. Além disso, a duração da estadia diminuiu significativamente: enquanto no passado, os visitantes ficavam na cidade por uma média de nove dias, agora são apenas cinco (ROMANOVA; APUKHTIN; BELOSLUTSEVA, 2014; SCHARR; STEINICKE; BORSODORF, 2011). Em suma: o turismo em Sochi é apenas uma sombra da sua glória do passado.

## A transformação para o esporte de inverno

Até recentemente, apenas alguns teleféricos isolados de esqui perto de Sochi sugeriam que a topografia do Cáucaso também tinha potencial para o turismo de inverno. Exceto por alguns pequenos resorts de esqui como Dombay em Karachay-Cherkessia, Mount Elbrus ou Arkhyz, o Cáucaso por inteiro é de difícil acesso para turismo de massa. Os Jogos de Inverno de 2014 deveriam atrair esse potencial com o Putin esperando ressuscitar a longa tradição de Sochi como um resort soviético, enquanto dá à região uma nova imagem. Sochi era para se tornar a terceira cidade da Rússia depois de Moscou e São Petersburgo. Enquanto Moscou representa o nervo central do poder político e econômico, e São Petersburgo é a capital cultural da Rússia, a nova Sochi olha para o Oeste; calma e descontraída, convida a indústria global de lazer a conhecer a Rússia para além do petróleo, gás e corrupção. O *slogan* para os Jogos de Inverno em Sochi, “Quente. Frio. Seu.” (*Zharkie. Zimnie. Tvoi.*), é direcionado para aqueles que estão procurando um estilo de vida hedonista. Para apoiar essa visão, Vladimir Putin participou do encontro do IOC na Guate-

mala, em 2007, para dar sua garantia pessoal de que a organização aconteceria de maneira tranquila e também exaltar as virtudes de Sochi para os Jogos de 2014. Os parâmetros imodestos para a nova Sochi são os estabelecidos resorts de esportes de inverno da alta sociedade, de Aspen a Zermatt. Para Putin, não existem dúvidas: “Sochi se tornará a nova classe mundial de resorts para a nova Rússia. E todo o mundo!”.

A promessa de Putin teve consequências extensas para a região. Quando Sochi foi selecionada para sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em 5 de julho de 2007, não existia um lugar sequer capaz de hospedar um evento olímpico. A área carece de dezenas de milhares de quartos de hotel de padrão internacional. A região sofre de trânsito frequente, o percurso de 30 km do aeroporto para o centro de Sochi costuma levar mais de duas horas durante o horário de rush (MÜLLER, 2011). Doze bilhões de dólares foram reservados para os Jogos, mas logo, o valor se mostrou insuficiente. No começo de 2013, o governo publicou uma nova estimativa de cerca de 50 milhões de dólares. O evento de 16 dias em Sochi superou em 10 bilhões de dólares os gastos dos Jogos de Verão de Pequim em 2008, que, até agora, tinham sido os mais caros (e maiores) (ORTTUNG; ZHEMUKHOV, 2014). O evento representa, então, um exemplo extremo de política regional: o investimento na região somou a quantia de 115.000 dólares por habitante de Sochi. Isso significa que cada cidadão russo abstém uma média de 350 dólares em fundos públicos.

Contrário ao plano original, a maior parte do dinheiro investido vem do tesouro do estado. As preparações para os Jogos de Inverno tinham como objetivo se tornar um modelo para o papel dos investidores privados na realização de projetos de larga-escala na Rússia. Mas, o interesse por parte dos investidores permaneceu baixo; contratos lucrativos foram concedidos para a camarilha, enquanto inúmeros outros projetos prometiam um lucro reduzido. O governo, dessa forma, convidou abertamente investidores privados como os oligarcas Oleg Deripaska e Vladimir Potanin para preencher seus deveres na sociedade e financiar esses projetos não lucrativos. Junto com o desenvolvimento dos resorts, também foi demandando que eles pagassem a conta dos equipamentos esportivos como um tipo de taxa indireta (MÜLLER, 2011). Depois das Olimpíadas de Inverno, esses estádios passariam para a propriedade do estado sem custo algum. Os benfeitores esperavam que isso implicaria que, em retorno, eles pudessem aproveitar boas conexões com as autoridades e tratamento especial na escolha da concessão de contratos.

Esse tratamento preferencial é cada vez mais evidente. O grande amigo de Putin, Arkady Rotenberg, por exemplo, construiu um portfólio de 3.4 bilhões de dólares em contratos públicos por meio de suas atividades. Os mecanismos para garantir ganhos pessoais são similares. Com-

petidores que não são bem vindos também são colocados sob pressão pela intimidação da sanção do estado com o intuito de forçar aquisição de propriedade com preços favoráveis, ou os preços dos contratos são artificialmente inflados para que para cada investidor seja garantido uma fatia correspondente do bolo. Aqueles que não estão do lado do governo devem sair de cena. Os irmãos Bilalov tiveram que vender suas partes na área de esqui em Gornaya Karusel em Krasnaya Polyana e emigraram para Alemanha depois que Achmed Bilalov criticou Putin publicamente algumas vezes. Por sua vez, inspetores do estado apontam para a má administração financeira e ineficiência nos projetos de construção do Bilalov. A linha oficial, no entanto, é que as preparações para os Jogos de Inverno são livres de corrupção. Em 2011, o Vice Premier Dmitri Kozak, declarou que uma grande investigação do estado não trouxe à tona um único caso de pagamentos ilegais (Corrupcia.net 2012).

### Um resort *in vitro*

Em 2013, Sochi se tornou o maior local de construções do mundo: quase 100.000 operários trabalharam para completar o *resort* em tempo para a chegada de mais de 120.000 visitantes em fevereiro de 2014. Como foi o caso dos Jogos de Vancouver, o evento em Sochi aconteceu em dois agrupamentos: um grupo na costa para os esportes de gelo, em Adler, e um grupo na montanha para os esportes alpinos e trenó, em Krasnaya Polyana. Ao passo que os prédios na costa são dispostos em volta de uma praça central e então, produz um conceito de caminhos curtos, as instalações nas montanhas são espalhadas por diversos resorts ao longo do Vale Mzymta (ver Tabela 1). As áreas de esqui em Krasnaya Polyana são todas equipadas com última tecnologia, mas, com exceção de Roza Khutor, são todas pequenas. A área mais velha é Alpika Service, que, como Laura, é do proprietário Gazprom. As primeiras cadeiras do teleférico foram construídas no começo dos anos 1990, e os planos cresceram para trazer os Jogos de Inverno para Sochi. Duas tentativas em 1991 e 1995 falharam devido à infraestrutura insuficiente e à instabilidade que caracterizava a Rússia, e, particularmente, o Cáucaso na década de 1990 (PETERSSON; VAMLING, 2013).

Os nomes dos arquitetos e planejadores para Sochi estão entre os “quem é quem” da cena global dos esportes (de inverno): Ecosign de Whistler, no Canadá, ajudou a desenhar o lance para os Jogos, Drees & Sommer, de Stuttgart, são gerenciadores de projetos para o Parque Olímpico, o estúdio de arquitetura Populous desenhou o Estádio Olímpico Fisht, as firmas de engenharia alemã Gurgel + Partner e Kohlbecker desenharam a pista de *bobsleigh* e de saltos de esqui. Cadeias internacionais

como Radisson, Hyatt, Swissôtel ou Accor abriram hotéis em Sochi e em seus arredores. Apesar da sua ambição de se tornar um ator no mercado internacional, as melhores chances para Krasnaya Polyana parecem estar no mercado doméstico russo: com preços similares aos dos Alpes, apenas conhecedores estariam dispostos a enfrentar dificuldades com barreiras de idioma e em obter vistos para conhecer as relativamente pequenas áreas de esqui em Krasnaya Polyana.

**Tabela 1.** Resumo das quatro áreas de esqui em Krasnaya Polyana.

	<b>Roza Khutor</b>	<b>Gornaya Karusel'</b>	<b>Laura</b>	<b>Alpika Service</b>
Proprietário	Interros (Vladimir Potanin)	Sberbank	Gazprom	Gazprom
Comprimento das pistas (em km)	72	12	15	25
Elevação mais alta	Roza Pik (2.320 m)	Black Pyramid (2.300 m)	1.800 m	Aibga (2.238 m)
Teleféricos (em construção)	13 (5)	8 (1)	6 (6)	6 (1)
Capacidade (pessoas/hora)	30.600	11.340	9.800	(5.670)
Passe de um dia	CHF 46 (RUB 1.500)	CHF 40 (RUB 1.300)	CHF 40 (RUB 1.300)	Atualmente em reconstrução
Instalações olímpicas	Esqui alpino, <i>snowboarding</i> , estilo livre	Salto de esqui	Biatlo, esqui <i>cross-country</i>	<i>Bobsleigh</i>

A maior parte do orçamento projetado não foi para instalações esportivas, mas, para infraestrutura, especialmente para transporte e abastecimento de energia. O maior projeto foi a linha de trem e a estrada que fazem a ligação entre o aeroporto em Adler, na costa, e o resort de Alpika Service, em Krasnaya Polyana, que custou entre oito e nove bilhões de dólares – quase o dobro de todos os investimentos feitos nos Jogos de Vancouver, em 2010. A nova conexão diz reduzir o tempo de viagem gasto, em 50 km de Adler para Krasnaya Polyana, de 1 hora para cerca de 30 minutos. A capacidade hoteleira também passou por uma expansão massiva: 42.000 quartos de hotel, de várias categorias, são parte do acordo de contratação com o IOC.

### Excedente e ruínas de investimento

A vontade de reconstruir Sochi demonstra a mania por projetos gigantes que é anormal mesmo para os padrões russos. A extensão dos investimentos

encolhem todos os outros projetos de larga escala pós-URSS. As consequências são tão calamitosas como previsíveis. A enorme pressão de tempo em construir a infraestrutura necessária, sempre exacerbada por decisões burocráticas arbitrárias, demonstrou que os impactos no meio ambiente e na população foram preocupações secundárias. Mesmo o comitê organizador reconheceu que danos irreversíveis foram causados (MÜLLER, 2014). Essas conclusões são muito sérias porque os locais de construção estão localizados nas reservas naturais do Cáucaso. Por exemplo, grandes partes do Rio Mzymta foram modificadas e danificadas enquanto as pilastras de sustentação para o trilho e a ligação da estrada foram cimentadas em seu leito, onde ocorreu a escavação de pedras. Enquanto isso, organizações ambientais se distanciaram das discussões com as empreiteiras, depois dos aspectos mais fundamentais da proteção ambiental terem sido ignorados, mas o comitê organizador continua a fazer propaganda do evento como os Jogos Olímpicos mais verdes de todos os tempos (cf. GAFFNEY, 2013; PENTIFALLO; VANWYNSBERGHE, 2012).

O principal legado dessa megalomania, no entanto, será a infraestrutura que é desproporcional e extremamente cara para necessidades diárias. A combinação de trilhos e estradas de Adler ate Krasnaya Polyana não terá sua capacidade usada nem mesmo na alta temporada. A capacidade total soma 20.000 passageiros por hora (11.500 por estrada, 8.500 por trem) – mais do que o número de quartos planejados para Krasnaya Polyana. O uso subsequente dos seis estádios e instalações de esporte de inverno serão as maiores causas para se preocupar, no entanto. Depois dos Jogos, a posse dessas instalações passou para o Ministério dos Esportes, que estima os custos de manutenção entre 82 e 137 milhões de dólares por ano. A ideia de desmantelar os estádios e reconstruí-los em outras cidades foi tida como inviável e acontecerá apenas para um estádio.

Por essa razão, apesar dos investimentos extravagantes, grande parte da população local está infeliz, pois não vê utilização dos projetos em suas vidas diárias (MÜLLER, 2012). Do contrário, as fatias remanescentes dos imóveis na costa do Mar Negro e nas montanhas, foram vendidas para investidores externos ou amigos próximos e serão então reservadas para hóspedes pagantes. Para o observador estrangeiro, as Olimpíadas de Inverno de 2014, em Sochi, são uma rápida aula sobre excesso de dirigismo estatal e políticas neo-patrimoniais; para a liderança russa, uma oportunidade para mostrar o que o país tem de mais moderno; para os atletas e associações, o ápice das competições esportivas. Mas, para moradores locais, suas vidas foram mudadas imensuravelmente. Se essa mudança é para melhor, o governo russo ainda está para demonstrar.

## Referências bibliográficas

- Corrupcia.net. 2012. Ministr Vitalij Mutko: "Vopros korrupcii na Olimpiade-2014 otpadaet sam po sebe". *Corrupcia.net* 13 February 2012.
- GAFFNEY, C. 2013. Between discourse and reality: the un-sustainability of mega-event planning. *Sustainability* 5 (9):3926–3940.
- MÜLLER, M. 2014. (Im-)Mobile policies: why sustainability went wrong in the 2014 Olympics in Sochi. *European Urban and Regional Studies* 21:forthcoming.
- \_\_\_\_\_. 2012. Popular perception of urban transformation through mega-events: understanding support for the 2014 Winter Olympics in Sochi. *Environment and Planning C: Government and Policy* 30 (4):693–711.
- \_\_\_\_\_. 2011. State dirigisme in megaprojects: governing the 2014 Winter Olympics in Sochi. *Environment and Planning A* 43 (9):2091–2108.
- ORTTUNG, R.; ZHEMUKHOV, S. 2014. The 2014 Sochi Olympic mega-project and Russia's political economy. *East European Politics* 30 (1).
- PENTIFALLO, C.; VANWYNSBERGHE, R. 2012. Blame it on Rio: isomorphism, environmental protection and sustainability in the Olympic Movement. *International Journal of Sport Policy and Politics* 4 (3):427–446.
- PETERSSON, B.; VAMLING, K. (eds.). 2013. *The Sochi predicament: contexts, characteristics and challenges of the Olympic Winter Games in 2014*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- ROMANOVA, G., APUKHTIN, A.; BELOSLUTSEVA, L. 2014. Business tourism in Sochi: issues and prospects. *European Journal of Physical Education and Sport* 3 (1):64–67.
- SCHARR, K., STEINICKE, E.; BORSODORF, A. 2011. Sochi/Сочи 2014: Olympic Winter Games between high mountains and seaside. *Revue de Géographie Alpine* 100:1–35.